Individualismos e desmapeamento: Antropologia e Psicanálise

GILBERTO VELHO

A posição da Antropologia e a amplitude de seu campo de pesquisa colocaram-na desde os seus primórdios como interlocutora de diferentes disciplinas.

No Brasil o desenvolvimento dos trabalhos antropológicos nos últimos anos fez com que debates e discussões fossem suscitados com sociólogos, cientistas políticos, economistas, historiadores, etc. Inevitavelmente, dentro da complexidade e variedade de seu objeto de investigação aprofunda-se também o diálogo com a psicologia e a psicanálise ou, de um modo geral, com as disciplinas que têm no indivíduo o seu fóco central. É dentro desta perspectiva que o livro de Sérvulo A. Figueira — *O Contexto Social da Psicanálise* * — recentemente publicado, aparece como marco importante para o desenvolvimento de uma linha de reflexão. Originalmente, dissertação de mestrado de Psicologia, esse trabalho tem como referência básica não só a problemática do indivíduo mas, especificamente, a própria terapia psicanalítica. É em função dessas preocupações que o autor recorre e incorpora uma bibliografia de ciências sociais, particularmente de antropologia ou de trabalhos que vêm sendo sistematicamente usados por antropólogos como a obra de G. Simmel. Este e Louis Dumont são cuidadosamente examinados, sobretudo no que se refere às suas colocações sobre a própria constituição da individualidade e das ideologias individualistas. Outros cientistas sociais são citados e mencionados mas parece-me que uma das principais contribui-

---

FIGUEIRA, Sérvulo A. *O Contexto social da psicanálise.* Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1981.

ções do livro para os antropólogos é a possibilidade de comparar e relacionar essas duas teorias, em princípio muito díspares e, aparentemente, contraditórias. O fato de esse movimento ser feito por um psicólogo e terapeuta, talvez explique uma maior naturalidade em lidar com posições de uma forma que para muitos cientistas sociais poderia soar pouco ortodoxa. De uma maneira esquemática diria que o autor defronta-se com o problema do indivíduo *enquanto representação*, expressão da *ideologia individualista* conforforme analisada por Dumont e com o indivíduo de Simmel tomado como *unidade* e *sujeito universais*. A questão de fato é mais ampla pois coloca, de um lado, toda uma linha da Escola Sociológica Francesa que, tendo Dumont como caso limite, vê a noção de indivíduo moderno como representação e ideologia e, de outro lado, toda uma tradição de sociologia compreensiva que incluiria, também, além de Simmel, autores como Max Weber e Alfred Schutz, apesar de suas evidentes diferenças e peculiaridades. Esta tradição, com todas suas divergências e debates internos, vê o indivíduo como sujeito unidade de significado e a vida social é examinada, de uma forma ou de outra, como a coexistência, confronto ou interação de um modo geral, entre indivíduos e grupos de indivíduos. Ou seja, a sociedade não precede nem cria os indivíduos. Estes são as unidades significativas universais. De certa forma, em termos lógicos, não só a biologia mas a psicologia são anteriores ao fato sociológico. Isto não significa que essa tradição não veja a sociedade e a história atuando, criando e formando personalidades, estilos de comportamento, papéis. Mas, insisto, a unidade constitutiva da vida social é o indivíduo *sujeito psicológico*. Como sabemos, Dumont distingue o indivíduo universal sujeito empírico da fala, pensamento, do ser moral racional, autônomo, sujeito normativo das instituições, característico para ele da sociedade ocidental moderna.[1] O problema da psicologia na obra de Dumont é, até certo ponto, marginal. Mas Sérvulo Figueira, que trabalha com terapia individual, nos obriga a refletir, inevitavelmente, sobre as implicações do pensamento de Dumont para a psicologia e psicanálise. Com esta preocupação, procura mostrar como a questão do *individualismo* na psicanálise e, particularmente,

1 Ver especialmente *Homo Hierarchicus, an essay on the caste system*. Chicago, The University of Chicago Press, 1970 e *Homo Aequalis*, Paris, Gallimard, 1977.

na obra de Freud, é bem mais ambígua e complexa do que comumente se pensa. Critica, inclusive, uma certa ingenuidade ao afirmar que, sendo a psicanálise "filha do universo individualista", não é, no entanto, redutível aos "parâmetros ideológicos deste universo" (Ver Cap. IV, esp. p. 159-172). É exatamente através da relação entre indivíduo e espécie — "Os esquemas filogeneticamente herdados são, portanto, uma espécie *a priori* que organiza a percepção e a experiência dos sujeitos" (p. 165) que a psicanálise freudiana estabelece relações entre o particular e o geral, escapando da caracterização da *uniqueness* do individualismo romântico. "A herança arcaica é o não individual no indivíduo, é o que coordena as suas experiências vazando-as em sentidos que a ele preexistem..." (p. 166). Aproxima a obra de Freud do individualismo alemão em que haveria uma relação indissolúvel e constituinte entre o indivíduo (particular) e o todo (geral), diferentemente do individualismo francês, especialmente na sua vertente romântica em que o particular seria *unique*. (Ver Dumont, L. 1965, 77 e Lukes, S. 1973). Fala-se, portanto, de *individualismos*. Este ponto parece-me fundamental. A focalização do indivíduo enquanto unidade fundamental da vida social, embora dominante ou mais característica da sociedade moderna ocidental, aparece em diferentes culturas e momentos da história (Ver Velho, G. 1981, Cap. I). Mas, mesmo dentro da modernidade ocidental, há diferentes graus e qualificações na ênfase no indivíduo. Talvez fosse mais correto colocar no plural a noção de uma Revolução Individualista. Ao lado das diferenças culturais que permitem falar, grosso modo, em individualismo inglês, alemão, francês, etc. há outras variáveis que podem ser extremamente relevantes. Os domínios da economia, do trabalho, da família, do sexo, do lazer, da política, da religião, etc., por suas especificidades e conteúdos próprios, complexificam a ampla noção de individualismo. No caso em pauta, Sérvulo Figueira, ao analisar mais exaustivamente a teoria freudiana e a prática psicanalítica, chega à noção de *individuação*. A psicanálise produziria, ao seu final, no paciente, o efeito de libertação de sintomas, inibições e anormalidades de "caráter neurótico", a superação de ansiedades e inibições, etc. (Ver espec. p. 218-220). A individuação consistiria também no fortalecimento do ego, na apropriação de novas partes do id e na maior capacidade de "aproveitar a vida e de ser eficiente". Em última análise, seria um enriquecimento do indivíduo, tornando-o mais pleno e

consciente. Esta unidade psíquica, indivíduo, já é dada com sua composição ego, id e superego. A individuação implicaria, inclusive, num rearranjo das linhas desta composição, que no neurótico produzia penas e aflições, impedindo-o de viver de maneira produtiva e satisfatória. De algum modo, a *individuação* passa pela *Razão,* na medida em que atingir a lucidez e o autoconhecimento é indispensável para o bom desfecho do tratamento. Portanto, a psicanálise e suas intenções terapêuticas têm pressupostos e pontos de vista sobre o indivíduo *unidade universal* diferentes de outras vertentes individualistas. Marx, por exemplo, e seus seguidores, também pressupõem um indivíduo *unidade universal* mas cuja problemática básica gira em torno de seu processo de alienação em relação aos meios de produção. Com a evolução social, com a sociedade sem classes, os indivíduos também atingiriam uma plenitude sem exploração e alienação. Tanto o freudianismo como o marxismo teriam no indivíduo seus pontos de partida e de chegada. Mas as problemáticas que têm que ser enfrentadas para atingir uma plenitude são obviamente diferentes. Nesse sentido essas diferenças não podem ser minimizadas. Em uma vertente o mal está na estrutura da sociedade e, em outra, o problema reside no psiquismo individual. No marxismo critica-se a sociedade visando uma transformação que permitiria indivíduos melhores. Em Freud, através do tratamento individual, deixando de certo modo a sociedade entre parêntesis, busca-se a plenitude onde a libido e sua desrepressão exercem papel fundamental. Por mais que os mecanismos inconscientes e a herança arcaica sejam essenciais na problemática freudiana existe um nível de *decisão individual* que é enfatizado, como no próprio início do tratamento. Ou seja, para Freud, de alguma maneira, o indivíduo pode atingir a plenitudde, apesar dos problemas e males da sociedade, ao contrário de Marx, para quem explorados e exploradores, cada qual à sua maneira, são indivíduos *manqués.* Só a transformação da sociedade pode redimi-los. Poderia citar outras concepções cultas do indivíduo como as existencialistas que embora, em certos casos, possam se aproximar da psicanálise ou do marxismo, também têm sua especificidade. Por outro lado, internamente, a linha fenomenológica alemã tem ênfases e pressupostos diferentes do existencialismo sartriano e assim por diante.

Quanto ao cotidiano de nossa sociedade, não há como negar que em função de diferentes experiências sociais, o

individualismo aparece com diferenças de roupagem e conteúdo. Figueira mostra que ao nível da família moderna há o fenômeno do desmapeamento a partir do esvaziamento das mediações entre indivíduo e sociedade. Para isto remete-nos às obras de Ariés, Foucault, Donzelot, entre outras. A crise da socialidade e o fechamento da família nuclear produziriam, esquematicamente, situações de simbiose, em que a questão da individualidade e seus impasses aparecem de forma dramática. Ora, este não é um fenômeno que se manifeste de forma homogênea por toda a sociedade. Não é, por acaso, que a psicanálise tem, além das razões financeiras, o universo de camadas médias urbanas, como clientela potencial em termos culturais. Outros segmentos da sociedade, não apenas por motivos econômicos, mas devido a diferenças de experiências sócio-culturais, vivenciam e representam a questão do indivíduo de outras formas. Na sociedade brasileira, a importância da religião foi várias vezes mencionada, especialmente no caso de sistemas em que a crença em espíritos é fundamental (Ver, por ex., Fry, Peter 1982 e Velho, Yvonne, 1975). No próprio terreno dos chamados problemas psíquicos há que atentar para as representações de camadas de baixa renda como doença de nervos (Ver Duarte, Luiz Fernando Dias, 1982) que implicam em noções bastante distintas do universo de camadas médias psicologizadas. Crenças em mau olhado, trabalho feito, expressam concepções diferenciadas das fronteiras entre o interno e o externo; do individualizado e do mundo exterior. Ainda em relação aos dados e material analisados por Sérvulo, não se pode deixar de perguntar até que ponto as mediações perdidas no grupo que busca a psicanálise não existem em outros segmentos. Poderia pensar não só em religião mas em futebol, carnaval, grupos de baloeiros e diferentes tipos de associações e movimentos.

No complexo terreno de parentesco e família, temos elementos para perceber que a nuclearização não é um processo universal nem necessariamente inevitável (Ver Abreu Filho, O. 1981 e 1982). As relações com consagüíneos e afins em diferentes regiões e segmentos da sociedade sugerem que o processo de individualização pode se dar de forma bastante diferenciada, com significados diversos.

O trabalho de Sérvulo Figueira é contribuição preciosa para toda esta discussão na medida em que, a partir da investigação do *contexto social da psicanálise,* permite-nos perceber pontos fundamentais de um discurso e universo

culturais específicos. Levanta questões chaves não só para a discussão teórica das relações entre Psicanálise e Antropologia, mas aponta para as características particulares de uma forma de representar e perceber o indivíduo em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU FILHO, Ovídio de. O Parentesco como sistema de representações: um estudo de caso. In: VELHO, G. & FIGUEIRA, S. *Família, psicologia e sociedade.* Rio de Janeiro, Campus, 1981.

———. Parentesco e identidade social. *Anuário Antropológico,* Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1982.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Doença de nervos; um estudo de representação e visão de mundo de um grupo de trabalhadores. In: RODRIGUES, Leôncio Martins et alii. *Trabalho e cultura no Brasil.* Brasília, ANPOCS/CNPq, 1982. (Série Ciências Sociais Hoje 1).

DUMONT, Louis. The modern conception of the individual. Notes on its genesis and that of concomitant institutions. In: *Contributions to indian sociology, VIII.*

———. *Homo Hierarquicus, an essay on the caste system.* Chicago, The University of Chicago Press, 1970.

———. *Homo Aequalis.* Paris, Gallimard, 1977.

FRY, Peter. *Para inglês ver.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

LUKES, S. *Individualism.* Nova York, Harper Torchbooks, 1973.

VELHO, Gilberto C. A. *Individualismo e cultura; notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro, 1981.

VELHO, Yvonne Maggie. *Guerra de Orixá; un estudo de ritual e conflito.* Rio de Janeiro, Zahar, 1975.